

CONSUMO EXCESSIVO E ADICÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA★

Luiz Fernando Stacechen★
Victor Eduardo Silva Bento★★

RESUMO

Este é um recorte de pesquisa teórica sobre uma temática particular. O presente artigo pretende discutir a partir de um ponto de vista psicanalítico, em debate interdisciplinar, o excesso de consumo na atualidade e sua possível relação com a adicção. Procura-se abordar aspectos socioculturais que, marcados pelo modo de vida consumista, acabam por influenciar a psicopatologia da época atual, descrita por alguns autores como “pós-modernidade”. A partir da concepção psicanalítica das adicções, procura-se analisar a relação que o sujeito estabelece com seu objeto de consumo excessivo e com suas representações deste objeto. Sublinha-se a psicopatologia atual como marcada pela cultura do excesso narcísico.

Palavras-chave: consumo excessivo; adicção; pós-modernidade; psicanálise; psicopatologia.

EXCESSIVE CONSUMPTION AND ADDICTION IN THE POST-MODERNITY: A PSYCHOANALYTICAL INTERPRETATION

ABSTRACT

This is a theoretical study about a particular theme. This article intends to relate about the excessive consumption in the contemporaneity and a possible relation with the addiction. We do a psychoanalytical and interdisciplinary approach.

★ Este artigo foi retirado da Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, de Luiz Fernando Stacechen, desenvolvida no CET – Centro de Estudos das Toxicomanias Dr. Claude Olievenstein da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do prof. dr. Victor Eduardo Silva Bento, defendida diante de Banca Examinadora constituída por 3 membros e aprovada por unanimidade em novembro de 2004. Os membros desta Banca Examinadora foram: prof. dr. Victor Eduardo Silva Bento; prof. dr. José Miguel Rasia e a psicóloga Maria Otávia Lima Eça D’Almeida. Para os detalhes desta monografia, vide Stacechen (2004).

★★ Bolsista de Extensão (1º semestre de 2004) e de Iniciação Científica (2º semestre de 2004) do CET da Universidade Federal do Paraná; psicólogo; pós-graduado do Curso de Especialização em “Psicanálise: Teoria e Prática” da Faculdade Dom Bosco de Curitiba / Paraná (2007); pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e cursou mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (2008).
E-mail: luizfst@gmail.com

★★★ Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris 7; professor do Departamento de Psicologia da UFPR (02/1984 – 05/2005); diretor do CET da UFPR (10/1999 – 05/2005); professor do Departamento de Psicometria do Instituto de Psicologia da UFRJ (desde 09/2005).
E-mail: vsilvabento@yahoo.com.br e victorbento@oi.com.br

Social and cultural aspects of the consumer way of life are introduced and how they influence the psychopathology of the current time, described for some authors as “post-modernity”. We intend to analyze, from a psychoanalytical conception of addiction, the constructed relation between the subject and the excessive consumption object and respective representations. The actual psychopathology is described as marked for the culture of excessive narcissism.

Keywords: excessive consumption; addiction; post-modernity; psychoanalysis; psychopathology.

O motivo que impulsionou a pesquisa relatada neste artigo sobre a relação entre o consumo excessivo e a adicção foi a constatação de que alguns autores psiquiatras e psicólogos estavam nomeando uma nova forma de compulsão: a compulsão ao consumo. Também se observou o surgimento de grupos de mútua ajuda intitulados “Devedores Anônimos”, em que pessoas que consumiam além de suas posses reuniam-se a fim de compartilhar suas experiências de “consumir em excesso”.

Não é o objetivo deste trabalho discutir se há ou não uma nova categoria psicopatológica chamada “compulsão ao consumo” ou “adicção ao consumo”, mas sim discutir alguns questionamentos sobre o modo de vida consumista e sua possível relação com a adicção. Para tal, será relatada a seguir uma pesquisa de revisão da literatura a partir principalmente de uma ótica psicanalítica. Mais precisamente, o objetivo primeiro deste artigo será então fazer uma leitura psicanalítica dos aspectos sociais da relação entre estes dois fenômenos: o consumo excessivo e a adicção na atualidade.

PSICANÁLISE, SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA, MEDICINA E INTERDISCIPLINARIDADE

A possibilidade da teoria psicanalítica ser aplicada na leitura de fenômenos sociais é apontada por inúmeros autores da psicossociologia e da sociologia clínica, dentre os quais pode-se destacar Lévy (2001, p. 44) que escreve a este propósito:

A transposição da psicanálise para o campo social está baseada na existência de uma memória, de um imaginário, de emoções coletivas que impregnam, conscientemente ou não, a psicologia dos indivíduos, e impõe sua lógica própria aos processos organizacionais e grupais. Sob esse aspecto, os “fatos sociais” podem ser objeto de processos de recalçamento, de esquecimento e, pois, de um trabalho de desvendamento ou de análise. Mas essa lógica não é única; o campo social comporta suas próprias regras, suas próprias leis, estudadas por outras disciplinas, que a psicanálise não pode ignorar ou subestimar.

Dois pontos desta passagem se podem destacar: 1) Lévy afirma que os “fatos sociais” podem ser objeto de estudo da psicanálise; e 2) A leitura psicanalítica destes fatos sociais não esclarece tudo, nem é necessariamente a melhor explicação, pois, como destacou Lévy na passagem acima, a psicanálise não pode ignorar ou subestimar outras disciplinas. Portanto, longe de pretender tudo esclarecer ou apresentar a melhor explicação, será objetivo aqui recorrer à psicanálise e também aos autores de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, por exemplo, a fim de enriquecer esta pesquisa. E não se pode esquecer o que foi dito na introdução sobre o ponto de partida desta investigação: os autores da psicologia e da psiquiatria que nomeam esta nova forma de compulsão: a compulsão ao consumo. Significa dizer que outro objetivo deste artigo será realizar uma abordagem interdisciplinar. A interdisciplinaridade, ao contrário da pluri ou multidisciplinaridade, conjuga diversos saberes em torno de um mesmo objeto. Assim, utilizando conceitos “transespecíficos”, conserva-se a especificidade de cada disciplina, trazendo pontos de vista diferentes sobre o mesmo objeto (LÉVY, 2001).

Como o presente artigo delimitará seu campo de investigação do excesso de consumo e da adicção às expressões destes dois fenômenos na atualidade, faz-se mister discutir também dois conceitos fundamentais: modernidade e pós-modernidade.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Por um lado, existem na literatura autores que defendem a tese da existência da chamada pós-modernidade. Esta, como a própria nomenclatura sugere, traz o sentido de haver uma ruptura com a modernidade, uma mudança de época em que uma ordem anterior é substituída por outra (FEATHERSTONE, 1995). Por outro lado, há autores que argumentam não existir uma nova época com características próprias que justifique a divisão entre modernidade e pós-modernidade. Esses autores trazem a visão de que as características da atualidade pós-moderna seriam uma extensão do que se convencionou chamar de modernidade. Segundo os mesmos autores, a diferença estaria apenas no acirramento das características modernas no atual momento histórico pós-moderno.

Segundo Cardoso, o primeiro grupo de autores, encabeçado por Lyotard, “sugere que as mudanças processadas no modo de vida do homem e na organização da sociedade constituem um marco delimitador de duas épocas, rompendo com a ética e os valores antes professados” (CARDOSO, 1996, p. 67). Estes autores seriam os autodenominados pós-modernistas. No outro grupo, cujo principal representante é o filósofo alemão Habermas, estariam autores que “ainda relacionam tais transformações ao acirramento das características surgidas no bojo do Iluminismo, privilegiando a razão e o saber delas decorrentes” (CARDOSO, 1996, p. 67). Estes últimos seriam contrários à idéia de haver uma época denominada pós-moderna. Como a própria autora aponta, o antagonismo entre os dois conceitos repousa em aceitar ou rejeitar a visão iluminista acerca do mundo, esta baseada na concepção da razão sobredeterminando o modo de vida moderno.

Não cabe aqui discutir qual conceito se aplica melhor ao atual momento histórico. Introduziu-se a discussão acima apenas para esclarecer que será utilizado neste artigo o termo “pós-modernidade” para se referir à época atual. Pois o que se pretende primordialmente aqui não é um aprofundamento desta discussão sobre se existem ou não duas épocas distintas, mas sim descrever as características dos tempos da atualidade que estão ocasionando mudanças sociais significativas relacionadas ao consumo excessivo, às adições em geral e às outras psicopatologias observadas nos dias de hoje.

A PSICOPATOLOGIA DA PÓS-MODERNIDADE: A CULTURA DO EXCESSO NARCÍSICO

Birman (2003, p. 168), para tratar da psicopatologia da pós-modernidade, irá se apoiar nas idéias de Lasch sobre “a cultura do narcisismo” e de Debord sobre “a sociedade do espetáculo”:

Isso nos remete à *psicopatologia da pós-modernidade*. Esta se caracteriza por certas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais é sempre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência que está em pauta. Esta é justamente a questão da atualidade.

Segundo Birman (2003), o que caracteriza fundamentalmente a pós-modernidade é uma cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual o individualismo e o autocentramento do sujeito adquirem proporções enormes.

O indivíduo da atualidade procura a exaltação do eu e, para isso, utiliza-se de todo e qualquer modo de aparecer no cenário social, seja através da estetização de sua aparência, ou do uso do outro como fonte do próprio prazer. Birman escreverá sobre isto: “[c]om isso as noções éticas de *alteridade* e reconhecimento da *diferença* tendem ao desaparecimento no universo social voltado para a estetização da existência” (BIRMAN, 2003, p. 246). Com o desaparecimento gradual do outro, pode-se concluir que o prazer do sujeito pós-moderno ficará reduzido ao investimento narcísico, a uma economia psíquica marcada pelo excesso narcísico. Vive-se então na pós-modernidade a cultura do excesso narcísico.

O sujeito da contemporaneidade projeta a imagem dos papéis que ele próprio interpreta no cenário social com o objetivo de atingir a “inflação” do eu. Assim, os mesmos papéis assumidos pelos indivíduos nos meios sociais adquirem a função de “máscaras a serem vestidas” em massa para capturar uma espécie de admiração padronizada do outro. Todos passam, assim, a cultivar a admiração coletiva de uma certa máscara padronizada enquanto ideal social.

Dessa forma o que está em jogo na vida do sujeito pós-moderno é a sua exterioridade. Aquele que não se enquadra neste meio de sociabilidade sofrerá por não alcançar esta exaltação da imagem de si tão valorizada pelo outro.

Como exemplo de psicopatologias da pós-modernidade, Birman (2003) citará a depressão e a síndrome do pânico que, para este autor, remeteriam aos sofrimentos pelos sintomas resultantes do fracasso da participação do sujeito nesta cultura do excesso narcísico.

Caberiam, então, as seguintes questões: Seriam os bens de consumo buscados na atualidade como meios de obter esta admiração padronizada pelo outro no contexto social pós-moderno? Se sim, poder-se-ia concluir que, se, por um lado, a “estetização da existência”, calcada na cultura do espetáculo e na busca da admiração do outro no cenário social, conduzirá o sujeito fracassado aos quadros psicopatológicos da depressão e da síndrome do pânico, por outro lado, não parecerá que essa forma de ser e de existir da atualidade estará também relacionada ao comportamento de consumir excessivamente do sujeito “bem-sucedido”? Não seria este “ser bem-sucedido” através do consumo excessivo uma espécie de sintoma maníaco, cuja função é expressar a negação da depressão pelo fracasso fundamental do sujeito nas suas relações com o outro na atualidade pós-moderna?

De qualquer forma, parece ser mais provável que a discussão do consumo excessivo na pós-modernidade seja mais abrangente. Pois, por um lado, além da compulsão ao consumo, existem várias outras compulsões (ao álcool, às drogas, ao sexo etc.) descritas pela medicina atual, que também poderiam ser pensadas como reações sintomáticas de negação maníaca a uma depressão de base. A esse respeito, de um ponto de vista psicanalítico, caberiam, então, as seguintes questões: Que função psíquica inconsciente, sendo semelhante nas diversas compulsões, permitiria que se pudesse aproximá-las, sem, no entanto, igualá-las? Qual seria o protótipo infantil situado na origem psíquica inconsciente das compulsões em geral? E aproximando-se as diversas compulsões, sem igualá-las, que critério se poderia então utilizar para diferenciá-las? Por outro lado, de um ponto de vista sociológico, sabe-se, obviamente, que o consumo excessivo também está intrinsecamente relacionado ao consumismo tão marcante da época atual. Faz-se então necessário discutir melhor as características socioculturais da pós-modernidade que possivelmente influenciam o ato de consumir, assim como a relação que o sujeito estabelece com seu objeto de consumo excessivo e com suas representações deste objeto.

O SUJEITO E SUA RELAÇÃO COM O CONSUMO EXCESSIVO NA PÓS-MODERNIDADE

Vive-se atualmente uma época marcada essencialmente pelo consumo exacerbado. Este traço da pós-modernidade acaba por permear todo o modo de vida atual. Para Santos (2002), nos tempos atuais está havendo a sedimentação de um sistema econômico que afeta a todos e permeia as relações humanas. O ritmo cultuado e estabelecido para o consumo acaba por criar falsas necessidades que alimentam o desejo do sujeito alienado na busca pelo objeto do consumo. Assim, os desejos alienados de consumo, uma vez satisfeitos, são rapidamente substituídos por outros através do ritmo incessante do consumismo.

Freud (1930/1974), em uma passagem de “O mal-estar na civilização”, trata da busca das pessoas pela felicidade, relacionando-a com o princípio do prazer:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue (FREUD, 1930/1974, p. 95).

Ao considerar a felicidade como satisfação pulsional que é recalcada diante das exigências da civilização, Freud aponta para o caráter efêmero da felicidade. Por outro lado, o autor destaca que se esta satisfação se prolonga, ela será mais amena. Ao postular o contraponto com o princípio de realidade, que seria abrir mão de uma parte da satisfação em nome da segurança e do controle social, Freud confere à felicidade a característica de ser somente episódica.

Se aceita a idéia de que no consumo atual há uma busca voraz pela satisfação do que é desejado e que, de certa forma, esse desejo, uma vez satisfeito, é logo substituído por um outro, vê-se então que o mecanismo de busca pela satisfação através desse consumo não se assemelha ao modelo de felicidade proposto por Freud. Com o consumismo, o que se encontra é uma satisfação prolongada, o que acaba resultando numa satisfação mais amena. Se esta amenidade for o equivalente a uma satisfação menor, pode-se entender que o indivíduo será assim compelido a buscar o aumento do seu prazer num novo ato de consumir. Passa, então, a buscar a satisfação imediata a qualquer preço através do consumismo. Esta não sendo encontrada num determinado produto, busca logo um outro produto para “tamponar” o vazio produzido pelo primeiro. Farah (2002, p. 41) aponta, então, para a inversão na atualidade da lógica proposta por Freud sobre a noção de felicidade efêmera:

[...] o sujeito hoje não hesita em trocar segurança por felicidade imediata. Com a depreciação da história e ênfase no presente, a satisfação não pode ser depositada no futuro. Tem que ser consumida instantaneamente. A passagem da sociedade moderna pode ser entendida a partir do deslocamento sugerido por Zygmunt Bauman: a passagem da *ética do trabalho* para a *estética do consumo*.

Ao se pensar no modo como os produtos de consumo são buscados atualmente, vê-se que não há espaço para a espera de uma satisfação futura. O consumidor pós-moderno, ao buscar freneticamente novos produtos, não se preocupa com a conseqüência dos gastos, pois é preciso adquirir agora, paga-se depois.

Pode-se notar que a lógica da busca pela felicidade imediata se faz presente, de um modo geral, não somente nas relações de consumo, mas também nas relações sociais, em que o outro cada vez mais adquire o aspecto de um objeto também de consumo.

Se antes a satisfação imediata era sacrificada em nome da ética do trabalho, que exigia privações, com a premissa de que, após algum esforço, obter-se-ia alguma recompensa futura, agora é a estética do consumo que se impõe. Através desta, os indivíduos procuram uma satisfação imediata justificada pela lógica: “goze agora a qualquer preço!”.

De acordo com esta idéia, Kehl (1996) destaca o papel da mídia publicitária na propagação deste discurso que apela incessantemente para a obrigação, para o dever de gozar. Segundo a autora, o sujeito da pós-modernidade seria o “self-made-man imaginário (como todo self-made-man), que se acredita sem outro compromisso a não ser com o próprio gozo, ao qual a mídia publicitária [...] apela incessantemente” (KEHL, 1996, *on line*).

Campbell (2001), no campo da sociologia, conceitua também o consumismo como um fenômeno que segue a lógica do hedonismo moderno, ou seja, da busca incessante do prazer. O motor desta busca seria a capacidade humana de criar imagens para seu próprio prazer através do devaneio ou fantasia (não se trata de “fantasia” no sentido psicanalítico). Neste ato imaginativo de se idealizar um produto de consumo, pouco importa se ele corresponde a um estímulo real, ou ilusório. O que importa é a idealização em si mesma.

Assim, o prazer pelo acesso ao bem de consumo não provém da satisfação que a compra, ou o uso do produto em si proporcionaria, mas sim da experimentação do devaneio, das faculdades imaginativas do consumidor. O que o motivaria, então, para consumir, seria o desejo de encontrar na realidade a satisfação idealizada anteriormente na fantasia (devaneio); e todo produto novo traria uma nova opção de devaneio. Uma vez adquirido, o produto de consumo passaria pelo teste da realidade. A consequência deste teste acabaria fatalmente sendo a desilusão, já que sempre haveria uma distância entre o produto criado imaginariamente (ideal) e o produto da realidade.

O modelo proposto por Campbell (2001) do ato de consumir como tentativa ilusória de encontrar no produto da realidade uma satisfação fantasiada traz em destaque a questão do imaginário como propulsor da busca consumista. Schneider parece compartilhar esta idéia, pois afirma que foi justamente a “estetização” do bem de consumo que possibilitou a entrada do homem no mundo do consumo ilusório. Segundo este último autor, na evolução da produção dos bens de consumo, a parte estética tornou-se cada vez mais incrementada, acabando por separar-se do bem em si, de sua finalidade, levando a um “mundo inflacionário de “belas aparências”, uma infinita “promessa de valor de uso” e “felicidade, que transporta as massas consumidoras a um mundo psicodélico, ilusório, semi-religioso” (SCHNEIDER, 1977, p. 279).

No consumismo moderno o valor de uso, a real utilidade do bem de consumo ficam em segundo plano. É a promessa de “felicidade”, a imagem e a idealização do produto o que atrai o consumidor. Segundo Nogueira e Palombini (2003, *online*), a publicidade do mercado, ao incitar que todos consumam, “propicia a tais sujeitos a escolha de um objeto - que imaginariamente vai fazê-los livrarem-se da falta, do vazio de sua existência, da confrontação com o outro sexo”.

Sob esse viés, a busca pelo prazer no consumo representa uma forma de satisfação substitutiva, um “prazer barato”, como Freud (1930/1974) denominou o prazer oriundo das inovações tecnológicas. No mesmo texto, Freud (1930/1974), ao considerar as imposições que a vida faz à satisfação do homem, apontava para a saída do mal-estar pelas “medidas paliativas”. Essas seriam maneiras do homem amenizar seu sofrimento através de ilusões, ou de satisfações substitutivas, ou ainda do uso de substâncias tóxicas. De certa forma, se vêem nessas medidas paliativas saídas aparentemente mais “fáceis” do que encarar a dura realidade que se impõe e que restringe o prazer do homem.

Se compreendido o atual momento histórico como marcado pelo consumo desenfreado, vêem-se tais medidas paliativas tomarem proporções maiores. O imperativo do discurso consumista traz a crença na possibilidade de se encontrar na realidade um prazer fácil e imediato. Seja uma satisfação substitutiva, ou uma ilusão de felicidade, o ato de consumir se assemelha às medidas paliativas apontadas por Freud para amenizar o sofrimento. Esta busca do consumo incessante se parece, então, em última instância, com a busca do toxicômano pela substância tóxica. Trata-se de uma busca cujo teor imaginativo é tão grande que chega a assemelhar-se àquele próprio da masturbação, igualmente solitária, investindo-se em objetos de um gozo perfeito, idealizado. A esse respeito caberia evocar mais uma vez Freud, que chegou a destacar a masturbação como sendo o “grande hábito”, o “vício primário”, protótipo, por assim dizer, de todos os outros vícios subseqüentes:

[...] Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios – álcool, morfina, tabaco, etc. – adquirem existência (FREUD, 1950/1977, p. 367).

Como se pode ver na passagem acima citada, Freud trata das dependências “tóxicas” em sentido amplo, geral. A expressão utilizada pelo autor no original alemão para se referir a este sentido mais amplo destas dependências é *sucht*, a qual pode encontrar sua tradução correspondente em português na palavra “adição”.

Vê-se que Freud dá na passagem acima citada um destaque todo especial à masturbação, apresentando-a como protótipo das toxicomanias. Como se sabe, a função psíquica nas atividades masturbatórias é o auto-erotismo. É este que, retomado, permite que se faça uma aproximação analógica entre as diversas compulsões, ou adições. Sobre esta relação entre a masturbação e o auto-erotismo, Laplanche e Pontalis (1998, p. 47) esclarecem:

AUTO-EROTISMO [...]

Em sentido amplo, característica de um comportamento sexual em que o sujeito obtém a satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, sem objeto exterior: neste sentido, a masturbação é considerada como comportamento auto-erótico.

Propõe-se que este auto-erotismo seja interpretado tal como se pode extrair-lo de “O ego e o id”, em que Freud (1923/1976) admite a existência de um narcisismo primário, eliminando, assim, a distinção que fizera anteriormente em sua obra entre o auto-erotismo e o narcisismo, o primeiro surgindo num tempo do desenvolvimento da libido anterior ao segundo. Com a equivalência entre o narcisismo e o auto-erotismo, chega-se, assim, à noção de “narcisismo auto-erótico” em Freud para destacá-lo como sendo a função psíquica situada na base das analogias entre as diversas compulsões, toxicomanias, ou adicções. Seria então este “narcisismo auto-erótico” semelhante nas diversas compulsões que permitiria aproximá-las, sem igualá-las. Propõe-se que seja a economia narcísica, mais precisamente o grau deste narcisismo auto-erótico, em detrimento da libido objetual, que faça a diferença entre as diversas compulsões. A hipótese aqui em questão seria, mais precisamente, que o *quantum* de libido investida neste narcisismo auto-erótico em detrimento da libido investida no objeto sexual da realidade variaria entre as diferentes compulsões e, mais precisamente, entre os diferentes sujeitos destas compulsões, funcionando, assim, como o critério para que se possam estabelecer as diferenças. A avaliação destas diferenças entre as compulsões seria principalmente clínica, realizada caso a caso, através da avaliação dos sujeitos das compulsões. O instrumento de avaliação só poderia ser principalmente o próprio “pesquisador-analista” disponível para acolher e enxergar no seu interior a transferência do seu objeto de “pesquisa-análise”: o sujeito da compulsão em avaliação. Acredita-se que quanto menor for a possibilidade deste sujeito de dirigir uma demanda na transferência ao analista, maior será seu grau de narcisismo e, ao mesmo tempo, menor será sua disponibilidade interna para investir no analista enquanto objeto de sua libido sublimada.

Não é o objetivo deste trabalho discutir esta polêmica noção de “narcisismo auto-erótico”, tampouco a clássica oposição do binômio “libido narcísica x libido objetual” em Freud. O leitor particularmente interessado nestas discussões poderá ser remetido a Bento (1996). Também não é o objetivo aqui aprofundarm-nos na hipótese acima levantada sobre o critério de como diferenciar as várias compulsões e sujeitos destas compulsões, visto que isto demandaria uma outra pesquisa e também um espaço maior de escrita. Para finalizar, caberia no item seguinte discutir a relação, na pós-modernidade, entre o consumo excessivo e esta adicção em sentido amplo que aparece na passagem de Freud acima citada.

CONSUMO EXCESSIVO E ADICÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

O termo “adicção” tem sua origem etimológica no antigo Império Romano, conforme atestam Diderot e D’Alembert (1751/1988, p. 128, tradução nossa) no clássico dicionário de francês do século XVIII:

ADICÇÃO [...] na lei Romana, é a ação de fazer passar ou de transferir bens a um outro, seja por sentença de uma corte, seja por via de venda àquele que oferece mais. Veja ALIENAÇÃO. [...]

Ele [o termo adicção] é formado de *addico*, uma das palavras determinadas ao uso dos juizes Romanos, quando eles permitiam a entrega da coisa ou da pessoa, sobre a qual se havia passado em julgamento.

Eis por que os bens adjudicados desta maneira pelo pretor ao verdadeiro proprietário eram chamados *bona addicta*; e os devedores entregues por esta mesma via a seus credores para pagar suas dívidas se chamavam *servi addicti*.

Addictio in diem, significava a adjudicação de uma coisa a uma pessoa por um certo preço, até que um dia determinado o proprietário ou alguma outra pessoa desse ou oferecesse mais.

Como se pode ver na passagem acima citada, a etimologia do termo “adicção” remete ao sentido latino-romano amplo de “escravização por determinação legal como última forma de pagamento de dívidas”, de “aprisionamento a que se é obrigado para saldar uma dívida”, de “submissão à dominação de alguém”.

No *Grand Dictionnaire de la Psychologie*, Valleur (1991, p. 15) apresenta o termo *addiction* da seguinte maneira: substantivo inglês, relação de dependência alienante, particularmente farmacodependência, *assuétude* (sinônimo da antiga expressão francesa *addiction*, atualmente em desuso, referida apenas no clássico dicionário de francês do século XVIII de Diderot e D’Alembert, conforme a citação do seu verbete na abertura deste item. A tradução de *addiction* para o português é “adicção”), ou toxicomania.

O sentido amplo de “adicção” como toda e qualquer “dependência tóxica” capaz de produzir um “estado de escravidão” é empregado por McDougall (1997). Indo mais além deste sentido, esta autora dirá também que embora o adicto esteja “escravizado” ao seu objeto adictivo, seja ele o álcool, a substância tóxica, a comida etc., este objeto está longe de ser a finalidade de sua busca, apesar de ser vivenciado como um objeto essencialmente bom e muitas vezes constituir a única saída para o sujeito.

Qual seria, então, a verdadeira finalidade da busca adictiva? Para McDougall (1997), o comportamento adictivo é o resultado da incapacidade do indivíduo de lidar com sentimentos vividos como insuportáveis, procurando, assim, o objeto adictivo na intenção de dissipá-los. Esta sim seria a verdadeira finalidade da busca adictiva: eliminar uma tensão insuportável através do ato adictivo.

Como se constitui o funcionamento adictivo? A autora explica que no desenvolvimento psíquico do adicto faltou a representação de um objeto interno “suficientemente bom” (a mãe e, posteriormente, o pai), tendo ele assim que buscar um objeto externo. Incapaz de identificar-se com essa representação, já que a mesma está ausente no seu interior, “a criança fica incapaz de tranquilizar a si mesma e de cuidar de si mesma em ocasiões de tensão interna ou externa” (MCDUGALL, 1997, p. 201). Passa então a buscar estes objetos adictivos que funcionem como “tranquilizantes” da sua tensão.

Qual seria então a busca “normal”, cujo desvio levaria aos objetos adictivos? Para a autora, os objetos adictivos são colocados no lugar dos objetos transicionais. Esta noção de “objeto transicional” a autora empresta de Winnicott (1975), que o define como sendo um objeto material cuja função é situar-se como um objeto intermediário na transição entre a mãe enquanto objeto da realidade exterior e o verdadeiro objeto simbólico interno (a mãe introjetada). Este autor destacará então que a função dos objetos transicionais será simbolizar a falta da mãe, para livrar-se da dependência desta, enquanto não se pode ter uma “mãe suficientemente boa” adequadamente introjetada, interna.

Porém, na adicção, seus objetos falham nesta função de simbolizar a mãe. São por isto denominados por McDougall (1997, p. 202) de “objetos transitórios” e assim referidos:

Diferentemente dos objetos transicionais, entretanto, os objetos adictivos necessariamente falham, uma vez que constituem tentativas antes somáticas do que psicológicas para lidar com a ausência e, portanto, só proporcionam alívio temporário.

Nesta perspectiva, McDougall conceituará a adicção como uma busca situada mais além da substância química: a busca de cessar estados psíquicos vividos como insuportáveis para um sujeito carente da representação interna da “mãe suficientemente boa”. Assim, para esta autora não será o objeto em si, ou sua natureza, ou ainda o comportamento de abusar na ingestão de substâncias químicas, que caracterizará a adicção, mas sim, a função que o objeto ocupa na economia psíquica do sujeito.

McDougall relaciona a adicção aos tempos da atualidade quando aborda as “neonecessidades” e as “sexualidades adictivas” de hoje. Estas investem excessivamente num “objeto inanimado” muito semelhante ao objeto de consumo:

[...] pretendo examinar a economia psíquica das sexualidades reinventadas quando estas cumprem a função de uma droga. [...] À noção de neo-sexualidades eu acrescentaria a de “neonecessidades”, nas quais o objeto, o objeto parcial ou as práticas sexuais são buscados incansavelmente, à maneira de uma *droga*. Esses indivíduos vão recorrer apenas a objetos inanimados, eroticamente investidos (chicotes, algemas, sapatos etc.), ou a uma garantia adictiva de parceiros que correm o risco de ser tratados como objetos inanimados ou intercambiáveis (MCDUGALL, 1997, p. 197-198).

A partir desta conceituação de adicção proposta por McDougall (1997), poder-se-ia caracterizar o consumo excessivo como sendo uma adicção? Pela discussão acima conduzida pode-se concluir que a resposta a esta questão dependerá de cada caso e, mais precisamente, do uso que o sujeito fizer do seu objeto de investimento. Pois, nesta teorização de McDougall sobre a noção de adicção, viu-se que o que importará finalmente será a função do objeto de reduzir um esta-

do de tensão. Assim, em tese, poder-se-ão conceber investimentos excessivos em objetos diversos, dentre estes, inclusive o objeto de consumo, sem que os mesmos possuam a função de reduzir uma tensão impossível de ser lidada através dos recursos simbólicos internos do sujeito. Por exemplo, numa festa pode-se beber excessivamente num contexto social em nada tenso, muito pelo contrário, o que não configurará uma adicção. Outro exemplo pode ser encontrado naquelas ocasiões sociais festivas, como natal, dia das mães etc., em que o consumo excessivo efetivamente ocorre, sem necessariamente funcionar como uma forma de reduzir as tensões do sujeito, o que também não parece constituir um quadro adictivo. Um último exemplo seria a existência de sujeitos que vivem fazendo dívidas, num contexto social marcado pela desigualdade socioeconômica. Neste caso, o que aparentemente apresentar-se-á como excesso de dívida é, na verdade, um excesso de desigualdade social levando os menos favorecidos economicamente a viver fazendo dívidas, podendo, assim, ser definidos, erradamente, como “consumidores excessivos”, como “adictos ao consumo”.

Por outro lado, a partir das teorizações sobre o atual contexto social marcado pelo discurso hedonista do consumismo, poder-se-ia considerar o excesso de consumo como adicção? Alguns autores parecem responder afirmativamente a esta questão, pois destacam as adicções e a toxicomania como o extremo do discurso capitalista. Por exemplo, podem-se citar Gonçalves, Delgado e Garcia (2003), que afirmam que nesta busca constante por felicidade e alívio das tensões, a toxicomania é a representante extrema do discurso do consumo, já que em uma sociedade marcada por um consumo desenfreado de objetos, o melhor consumidor seria aquele que depende absolutamente de sua mercadoria. Sob essa égide, a toxicomania seria uma possível saída para o sujeito que sob qualquer preço se submete ao discurso consumista.

O mesmo ponto de vista é defendido por Schneider (1977, p. 289), que considera o consumo de drogas uma extensão do consumo de bens:

Considerados desta maneira, o haxixe ilegal, o LSD e o cenário das drogas são apenas uma extensão do cenário de consumo legal, onde todo mundo mais ou menos se torna “viciado” em nicotina, álcool, Coca-Cola, televisão, ou seja o que for”.

Embora os bens de consumo citados não tenham em si o poder intoxicante das drogas, seu consumo é extremo na atualidade. Sendo que o álcool e o tabaco possuem a característica de criar dependência, são legalizados e difundidos maciçamente pela mídia. Nota-se que há uma ligação direta entre o discurso capitalista do consumismo e a toxicomania, pois em ambos vê-se a promessa de uma felicidade fácil que conduzirá o indivíduo ao seu consumo. Nesse contexto, a toxicomania é o lado sombrio e ilegal de um mundo voltado para o consumo extremo; e as adicções, de um modo geral, constituem a extensão de um modo de vida calcado no ato de consumir vorazmente.

CONCLUSÃO

Este artigo atingiu seu objetivo de discutir, a partir principalmente de uma ótica teórico-psicanalítica, o sujeito da pós-modernidade em sua relação com o excesso de consumo. Foram apresentados alguns questionamentos sobre o modo de vida consumista da atualidade e sua possível relação com a adicção. Procurou-se abordar os aspectos socioculturais do consumismo que acabam por influenciar a psicopatologia do sujeito da pós-modernidade, sendo esta caracterizada pelo excesso do narcisismo auto-erótico.

Para finalizar, caberia evocar McDougall (1997, p. 203-204) para destacar sua noção de objeto adictivo e compará-lo com o objeto do consumo excessivo na abordagem de alguns autores aqui discutida:

[...] o objeto escolhido revela a busca do ‘estado ideal’ que o indivíduo espera alcançar por intermédio da substância, da pessoa ou do ato procurados: plenitude, exaltação, potência, ausência de dor, nirvana e assim por diante.

O objeto adictivo, assim, possui a função de refletir o estado ideal do sujeito.

Campbell (2001), como se viu, destaca o ato de consumir como expressando a busca do ideal imaginário no real, representando, assim, uma tentativa ilusória que pretende encontrar a satisfação apenas num devaneio. Esta busca lembrou a função do objeto adictivo, cujo protótipo, com diz Freud (1950/1977), é o objeto da masturbação, isto é, o objeto de um gozo idealizado, perfeito.

Em Birman (2003), viu-se acima, também se encontrou elementos para entender o objeto do sujeito pós-moderno como sendo idealizado, narcísico. Este autor destacou a sociedade atual como marcada pelo apelo incessante ao consumismo, na qual as relações de alteridade tendem a desaparecer, cedendo, assim, seu lugar para a cultura do narcisismo, do autocentramento do sujeito, do individualismo e do uso da admiração do outro como fonte de prazer. Nesse cenário, os bens de consumo parecem constituir o símbolo do existir: “Você é o que você tem”, isto é, roupas, carros, aparelhos eletrônicos, computadores, internet e qualquer outra bugiganga tecnológica. Desta forma, refletem o ideal buscado no real: luxo, ostentação e poder. Vê-se aqui a semelhança com a finalidade da busca do objeto adictivo: reencontrar o protótipo do gozo masturbatório com um objeto idealizado, perfeito.

REFERÊNCIAS

ADDICTION. In: VALLEUR, M. *Grand Dictionnaire de la Psychologie*. Paris: Larousse, 1991. p. 15.

BENTO, V. E. S. *La passion amoureuse "toxique": une approche psychanalytique a partir de la sémiologie et du narcissisme chez Freud*. Thèse (Doctorat de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse)-Université Paris 7, Paris, France, 1996.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARDOSO, A. M. P. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? *Perspectiva em Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, p. 63-79, 1996. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/include/getdoc.php?id=394&article=6&mode=pdf>>. Acesso em: 10 março 2006.

DIDEROT; D'ALEMBERT. *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences des arts et des métiers* (1751). Stuttgart - Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag (Günther Holzboog), 1988. v. 1.

FARAH, B. L. A pós-modernidade e as novas exigências à escuta clínica. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 15, n. 156, p. 37-47, abr. 2002.

FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI, p. 73-171. Edição Standard Brasileira.

_____. O ego e o id (1923). In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIX, p. 11-83. Edição Standard Brasileira.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). Carta 79. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. I, p. 367-369. Edição Standard Brasileira.

GONÇALVES, G. G. R.; DELGADO, S. C.; GÁRCIA, C. A. A toxicomania e a busca da felicidade na sociedade de consumo. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S.; MATIAS, R. (Org.). *Drogas e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 119-128.

KEHL, M. R. Você decide ... e Freud explica. In: CHALHUB, S. (Org.). *Psicanálise e o contemporâneo*. São Paulo: Hacker, 1996. Disponível em: <<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/Kehl2.htm>>. Acesso em: 20 abril 2004.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉVY, A. *Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido*. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001.

MCDUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOGUEIRA, V.; PALOMBINI, M. *A lógica do mercado e a lógica da psicanálise*. [S.l.]: CETTA - Centro de Escuta e Tratamento das Toxicomanias e do Alcoolismo, 2003. Disponível em: <<http://www.cetta.psc.br/>>. Acesso em: 20 junho 2004.

SANTOS, L. A. R. dos. Psicanálise e educação: um olhar sobre a criança-consumidora e a escola nos dias atuais. *Pulsional Revista de Psicanálise*, v. 15, n. 155, p. 74-76, mar. 2002.

SCHNEIDER, M. *Neurose e classes sociais: uma síntese freudiana-marxista*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1977.

STACECHEN, L. F. *O consumo excessivo e a toxicomania na pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica*. Monografia (Graduação em Psicologia)– Departamento de Psicologia, Centro de Estudos das Toxicomanias Dr. Claude Olievenstein, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-44.

Recebido em: junho de 2007

Aceito em: abril de 2008

